

# ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS DOS JESUÍTAS NOS SÉCULOS XVI E XVII: ENTRE ÁFRICA E ÍNDIA

*Maria Lucia Abaurre Gnerre<sup>1</sup>  
Dilaine Soares Sampaio<sup>2</sup>*

## Introdução

O objetivo deste artigo é analisar aspectos das estratégias de interação entre missionários Jesuítas e povos de duas diferentes regiões: Moçambique e Goa. Tais regiões, pertencentes a continentes distintos (África e Ásia respectivamente) abrigaram originalmente culturas e religiões díspares, porém, se tornam conectadas pelo oceano Índico e pelas rotas de navegação que o cortavam desde períodos anteriores a chegada de Vasco da Gama. E, justo nestas regiões constituíram-se portos fundamentais para a carreira das Índias que, a partir do século XVI, passa a servir como rota comercial que possibilita também a criação de um olhar global dos missionários sobre os povos a serem catequizados. A partir disso, colocamos a seguinte questão: de que forma estas diferenças entre africanos e indianos reverberaram em diferentes olhares e estratégias por parte dos missionários? Este olhar de conjunto sobre diferentes povos pode ser visto, por exemplo, nas cartas deixadas por Francisco Xavier, que faz sua paragem em Moçambique a caminho de Goa. Pode ser visto também em obras como *Mentalidade Missiológica dos Jesuítas em Moçambique antes de 1759*, de António da Silva, S.J. Com base nesses textos e especialmente em outros referenciais para a história da África, buscaremos analisar as estratégias de construção de um “império Jesuíta” entre Moçambique e Goa.

Estruturamos nosso trabalho da seguinte forma: num primeiro momento apresentaremos um breve histórico sobre a Companhia de Jesus. Em seguida trataremos da missionação jesuítica em Moçambique e em Goa. Ao final, através de análise comparativa, lançaremos um primeiro olhar acerca das estratégias missionárias nas duas regiões em questão.

## Breve histórico sobre a Companhia de Jesus

A história da formação da Companhia de Jesus e de suas estratégias missionárias é sem dúvida um dos capítulos mais importantes e complexos na história da expansão do cristianismo pelo mundo. E, conseqüentemente, é também um capítulo fundamental na própria história dos encontros ou (des) encontros desta matriz cristã com vários outros sistemas de crenças previamente existentes na

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas, realizou estudos pós-doutorais em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora Adjunta do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Pesquisa *Padma*. Sítio eletrônico: <<http://padmaorient.wordpress.com/>>. E-Mail: <[marialucia.ufpb@gmail.com](mailto:marialucia.ufpb@gmail.com)>.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora Adjunta do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Pesquisa *Raízes – Grupo de Pesquisa Sobre Religiões Mediúnicas e suas Interlocações*. E-Mail: <[dicaufpb@gmail.com](mailto:dicaufpb@gmail.com)>.

África, Ásia e nas Américas<sup>3</sup>.

Assim, em face da complexidade e da amplitude deste tema, vastamente pesquisado por historiadores de diversas partes do mundo<sup>4</sup>, não vamos nos propor aqui a tecer uma “narrativa resumida” da formação ou da expansão da Companhia de Jesus entre os séculos XV e XVI. Afinal, conforme dissemos anteriormente, trata-se de um capítulo histórico demasiadamente amplo e complexo para ser resumido em poucas laudas de forma coerente, sem que alguma parte fundamental seja deixada de lado. Nossa proposta no âmbito deste artigo é apenas observar algumas cenas que consideramos fundamentais deste processo de formação da Companhia de Jesus, através das quais podemos compreender seus propósitos e algumas das estratégias que se tornam importantes no seu processo de difusão da fé cristã ao redor do mundo.

Um primeiro elemento que deve ser levado em conta quando observamos as diretrizes que nortearam a Companhia de Jesus desde seu início é o caráter soteriológico (ou salvacionista) de seu discurso. Os membros fundadores desta ordem religiosa se organizam em função de um apelo feito pelo papa Paulo III, para a criação de congregações religiosas que se dedicassem ao trabalho do fortalecimento da igreja e da autoridade papal (algo muito importante no contexto da reforma da cristandade proposta por Lutero). E, uma das principais formas de fortalecimento da igreja católica seria justamente o trabalho de salvação dos mortais que se encontravam dispersos pelo mundo, “vagando” por religiões não cristãs. Neste contexto a Companhia de Jesus foi criada, e a principal inspiração de Inácio de Loyola teria sido um movimento religioso denominado *Devotio Moderna*, do qual ele participara<sup>5</sup>.

Embora nossa proposta aqui não seja adentrar em pormenores, é importante analisarmos esta etapa inicial do processo de criação da Companhia, pois nela estão contidos elementos centrais para as estratégias posteriores de conversão dos Jesuítas. A própria autobiografia de Inácio de Loyola pode ser considerada a fonte fundamental para o estudo da fundação da Companhia de Jesus. Afinal, é neste texto que seu fundador institui uma narrativa de seu “mito de origem”. Em uma pesquisa recentemente desenvolvida na academia brasileira, temos as seguintes considerações sobre este momento da narrativa de fundação dos Jesuítas:

*Em sua autobiografia, Inácio de Loyola nos conta que comandava uma guarnição de defesa contra os ataques*

<sup>3</sup> Cf.: GNERRE, Maria Lucia Abaurre. *Viajantes, índios e jesuítas: encontros e desencontros no Grão Pará e Maranhão do século XVIII*. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2010.

<sup>4</sup> Podemos citar importantes trabalhos a este respeito publicados no Brasil, em Portugal e na Espanha desde meados do século XX como: LEITE, Serafim S. J. (org.). *Novas cartas jesuítas* (de Nóbrega a Vieira). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940; IPARRAGUIRRE, Ignácio & DALMASES, Candido de (orgs.). *Obras completas de San Ignacio de Loyola*. Edición Manual. Madrid: La Editorial Católica, 1952; NEVES, Luís Felipe Baeta. *O combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*. Rio de Janeiro: Forense, 1978. Muitos outros trabalhos e pesquisas acadêmicas vieram depois, como: SABEH, Luiz Antonio. *Colonização salvífica: os jesuítas e a Coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

<sup>5</sup> SABEH, *Colonização salvífica...*, p. 33.

franceses na cidade de Pamplona quando, em 1521, foi atingido gravemente na perna. Para não ficar coxo, passou por intervenções cirúrgicas que lhes exigiram um longo período de repouso. Na casa dos pais, passou a maior parte do tempo na biblioteca onde entrou em contato com obras religiosas que tratavam da vida dos santos, principalmente a *Fábula Dourada*, de Jacopo da Voragine; e a *Vida de Cristo*, de Ludolfo da Saxônia. Estes textos despertaram sua vocação religiosa e, recuperado, iniciou a peregrinação aos lugares santos do cristianismo. Na viagem para o monastério beneditino de Montserrat, na Catalunha, Loyola decidiu abandonar definitivamente a espada e trocá-la por um cajado e uma roupa de peregrino. Neste monastério, o ex-militar conheceu a obra *Livro de Exercícios para a vida espiritual* (de inspiração na *Devotio Moderna*), do abade Cisneros, que propunha a realização de dez dias de meditação como preparação para a confissão, exigência do abade para que o noviço vestisse o hábito beneditino. De Montserrat, Loyola foi para Manresa, onde, baseado nos exercícios de Cisneros, iniciou a redação dos seus *Exercícios Espirituais*. Era mais um manual devoto para a prática de exercícios diários de oração com a finalidade de purificar o coração em busca da santificação pessoal, conceito do movimento religioso em questão. Os *Exercícios Espirituais* preparavam o devoto à conversão e previam quatro semanas de práticas espirituais para esta preparação, ou seja, os exercícios que Loyola definiu como ‘qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais (...). Chamam-se exercícios espirituais diversos modos de a pessoa (...) buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para sua salvação.’<sup>6</sup>

Estes famosos exercícios espirituais tornam-se a base de práticas espirituais e de conversão dos Jesuítas, e sem dúvida abrem caminho para a entrada da companhia no território Indiano, por exemplo, onde a prática de meditações e exercícios espirituais era conhecida há milênios. Estes exercícios também servirão de inspiração para a primeira versão do “manual de salvação” de Loyola. Inicialmente, a pregação desta doutrina foi questionada pelo Santo Ofício, afinal Loyola não tinha nenhum tipo de formação teológica. Mas após análise dos inquisidores, sua doutrina foi considerada ortodoxa, e este foi autorizado a pregá-la, porém deveria passar primeiro por uma formação regulamentar em teologia na França<sup>7</sup>.

Este período de estudo na França foi muito importante, pois lá Inácio de

<sup>6</sup> SABEH, *Colonização salvífica...*, p. 33-34.

<sup>7</sup> Cf. LOYOLA, Inácio de. *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

Loyola reúne um grupo de praticantes de seus exercícios espirituais, entre os quais encontramos o próprio Francisco Xavier, o principal encarregado das conversões jesuíticas em Goa, na Índia, e que também faz passagens por Moçambique. Este primeiro grupo de seguidores de Loyola, influenciados pelo Abade Cisneros (o autor dos exercícios espirituais) decidiram ir para a Terra Santa para converter os “infiéis”. Esta decisão foi barrada pela própria igreja. Então, para poder de fato iniciar seu processo de peregrinação e salvação, o grupo teve que formalizar sua existência através da “Fórmula do Instituto” – um documento similar às Regras das ordens medievais para ser entregue ao papa para ser analisado e, posteriormente, aprovada a Companhia de Jesus, em 1539<sup>8</sup>.

No texto desta “Formula do Instituto”, encontramos a seguinte passagem:

*[...] assim fiquem obrigados, quanto estiver na nossa mão, a ir sem demora para qualquer região aonde nos quiserem mandar, sem qualquer subterfúgio ou escusa, quer nos enviem para entre os turcos ou outros infiéis, que habitam mesmo que seja nas regiões que chamam Índias, quer para entre hereges ou cismáticos, quer ainda para junto de quaisquer fiéis.*<sup>9</sup>

Neste texto temos as bases para a compreensão da mentalidade que guiaria a estratégia missionária Jesuíta nos séculos seguintes, em diversos territórios do planeta. Nele fica clara a disposição que os seguidores de Loyola devem ter, de “ir sem demora para qualquer região” onde forem mandados, seja para a conversão dos “turcos ou outros infiéis” (ou seja, para a conversão de islâmicos), seja para a conversão dos hereges que habitam as regiões que eram chamadas de Índias, ou para qualquer outro lugar onde haja infiéis (podemos incluir aqui a África e as Américas). Em 27 de setembro de 1540, a ordem religiosa de Loyola foi aprovada através da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, e o próprio texto da Fórmula subsidiou a escrita da bula em questão. Assim tem início a trajetória da Companhia de Jesus e de seus “soldados de Deus sob a bandeira da cruz” que se tornariam peças fundamentais para a reforma da Igreja católica, sendo enviados já nos anos subsequentes a África, Índia e América do Sul<sup>10</sup>.

## **Missionários Jesuítas em Moçambique**

O expansionismo marítimo português no século XVI é um capítulo já bastante estudado e conhecido na história de Portugal. Todavia, para compreendermos a missionação jesuítica em Moçambique, precisamos trazer alguns elementos centrais da presença dos colonizadores portugueses na África. Naquela época, Portugal era um “Estado feudal, pequeno e pobre”, de modo que sua expansão marítima construiu-se como um monopólio comercial com a Índia, tendo a Igreja como sustentáculo e influenciadora do próprio estilo e da substância administrativa. Goa

<sup>8</sup> SÁBEH, *Colonização salvífica...*, p. 34.

<sup>9</sup> LOYOLA, *apud* SÁBEH, , *Colonização salvífica...*, p. 35.

<sup>10</sup> O'MALLEY, John W. *Os primeiros jesuítas*. São Leopoldo: Editora UNISINOS; Bauru: EDUSC, 2004.

era o centro da dominação colonial em 1510 e a rota marítima era protegida por fortes que comandavam o canal de Moçambique, desde a baía Delagoa até a atual Tanzânia<sup>11</sup>. Embora Portugal detivesse superioridade bélica e de frota e tivesse conquistado os portos árabes e suaílis, tais fatores se mostraram insuficientes para a administração da região. Nesse contexto, Moçambique deveria se tornar “o quartel geral na região”<sup>12</sup>.

No contexto pré-jesuítico em Moçambique, o domínio português se construiu a partir de três pilares ao longo do século XV: “o soldado, e com ele o comerciante e, entre estes dois, o missionário, elemento conciliador e moderador da aspereza de um contra a ganância do outro”. Todavia, os primeiros momentos da colonização portuguesa foram repletos de dificuldades, posto que os colonos “eram pessoas atiradas para África sem a mínima noção do que iam fazer, sem a mínima ideia do meio em que tinham de passar a viver, dos contratemplos que tinham de vencer”<sup>13</sup>.

Se no princípio Moçambique funcionou praticamente como uma “paragem segura”, como uma base de apoio quase obrigatória no caminho para o Oriente, a posteriori, passa a adquirir importância com inclusão de guarnições, fortalezas, para que a passagem fosse segura<sup>14</sup>. A presença dos chefes árabes na costa moçambicana tornava o espaço bastante ameaçador à presença portuguesa, contudo, a ocupação e consolidação dos portugueses em Moçambique possuía objetivos claros: “criar para os comerciantes das índias um ancoradouro seguro e favorecer as trocas com as povoações do interior, as quais gravitam em torno do prestigioso do Monomotapa, que, diz-se, possuir as fabulosas minas de Ofir do rei Salomão”<sup>15</sup>.

Em 3 de novembro de 1534 o papa Paulo III assina a *Aequum Reputamus*, que origina a diocese de Goa abarcando imenso território, desde a diocese de São Tome até à China, inclusos todos territórios da África Oriental. Entre agosto de 1541 e março de 1542, Francisco Xavier não conseguiu desenvolver um trabalho relevante, diferentemente dos dominicanos que chegaram em junho de 1548 e obtiveram grande sucesso entre os indígenas. Entretanto, de modo distinto dos franciscanos e dominicanos, os jesuítas difundiram o evangelho entre os povos distantes do centro da Igreja<sup>16</sup>.

A missão jesuítica em Moçambique é normalmente compreendida em três momentos: o primeiro entre 1560 e 1572, o segundo se deu no período de 1610 a 1759 e o terceiro entre 1881 e 1911<sup>17</sup>. Não iremos discutir esse último momento

<sup>11</sup> JACKSON-HAIGHT, 1967 & ELPHICK, 1977, *apud* DENONN, D. “A África austral”. In: OGOT, Bethwell Allan (org.). *África do século XVI ao XVII*. Tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011 (Coleção história geral da África, vol.5), p. 821.

<sup>12</sup> DENONN, “A África austral”, p.821-823.

<sup>13</sup> BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS, 1940, p. 10, *apud* PEDRO Eusébio André. *A Missão Jesuíta em Moçambique: As Relações Com a Sociedade e com o Poder Político em Tete, 1941-2011*. Dissertação (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação). Universidade do Porto. Porto, 2013, p. 42.

<sup>14</sup> PEDRO, *A Missão Jesuíta...*, p. 43.

<sup>15</sup> ALMEIDA, 1962, p. 75-77, *apud* PEDRO, *A Missão Jesuíta...*, p. 43.

<sup>16</sup> PEDRO, *A Missão Jesuíta...*, p. 43.

<sup>17</sup> Cf. PEDRO, *A Missão Jesuíta...*

por extrapolar os limites deste trabalho.

No primeiro momento a presença jesuítica em Moçambique ainda é tímida e teve como principal característica ganhar as elites locais para o cristianismo. Com a auspiciosa notícia de que um rei negro desejava converter-se, os jesuítas presentes em Goa logo se viram estimulados e enviaram para Moçambique três missionários, tendo Gonçalo da Silveira a frente da Missão. Em torno de 1560 foi aberta a primeira Missão da Companhia de Jesus em Moçambique e na África Oriental o que conduziu Silveira a uma empreitada de maior fôlego: “decidiu avançar para o poderoso imperador da África – o Monomotapa – o dono da terra onde ‘o diabo tem grandes ganhos’”<sup>18</sup>. Nessa passagem retirada da Carta de Gonçalo da Silveira para Goa, fica notória a demonização do outro, presente no enfático termo “ganhos” que significa “unhas compridas”.

Depois de percorridos 500 km, em quinze dias, quando a empreitada parecia promissora e “a gente nobre e plebeia toda se queria fazer cristão”, a presença dos muçulmanos na corte reverteu todo o contexto, culminando no assassinato do superior dos jesuítas. Evidentemente que Portugal ficou desejoso de vingança e em 1571 é formado um exército de vingança ficando a missão suspensa até 1610. Esse primeiro momento dos jesuítas em Moçambique não deixa muitos sinais, especialmente no que tange a “adaptação cultural”. Além disso, o isolamento fez com que alguns missionários jesuítas se envolvessem em negócios de escravos, marfim e ouro conduzindo inclusive a conflitos juntos aos dominicanos, que disputaram prazos e escravos<sup>19</sup>.

O segundo momento da missionação jesuíta em Moçambique foi bem mais longo, perdurando mais de um século. A marca desse longo período é o desenvolvimento da cristandade propriamente dita, com a instalação de colégios, escolas, residências, igrejas, seminários, etc. O território de Moçambique foi apartado da Arquidiocese de Goa em 1612, de modo a constituir-se numa administração espiritual independente<sup>20</sup>. As pesquisas mostram que “as práticas pagãs dos cristãos de Moçambique” despertavam grande preocupação das missões, tendo em vista que muitos cafres eram levados pela feitiçaria e deixavam seus valores no Cristianismo o que favorecia o Islamismo<sup>21</sup>. Tal situação levou a Santa Inquisição a publicar em 1771 um édito contra as práticas pagãs dos cristãos de Moçambique.

Muitas revoltas abalaram as terras moçambicanas no século XVII, o que interferiu diretamente no trabalho de missionação. A partir da segunda metade desse século, com o arrefecimento do turbulento contexto social, têm-se novamente as bases para se repensar o projeto de evangelização, entretanto, “estes padres não olhavam os africanos como gente merecedora de evangelho e nenhum considerava como

---

<sup>18</sup> PEDRO, A *Missionação Jesuíta...*, p. 45.

<sup>19</sup> PEDRO, A *Missionação Jesuíta...*, p. 45-46.

<sup>20</sup> PEDRO, A *Missionação Jesuíta...*, p. 47.

<sup>21</sup> GONÇALVES, José Júlio. “O mundo árabo-islâmico e o Ultramar português: édito contra as práticas pagãs dos cristãos de Moçambique, por portugueses, canarins e cafres”. *Estudos de Ciências Políticas e Sociais*, Vila Nova de Famalicão, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, n. 10, 1958, p. 211-212.

seu dever trabalhar junto dos africanos”<sup>22</sup>.

## A presença jesuítica em Goa

A presença Jesuítica em Goa (território português na Índia desde o início do séc. XVI), é muito forte e decisiva para as feições que a colonização lusa iria adquirir em solo indiano. No entanto, o grande ícone deste processo de conversão dos goeses (indianos da etnia concani<sup>23</sup> em sua maioria), foi justamente um Jesuíta de origem basca: Francisco Xavier. A empreitada de Xavier só teria sido possível com o grande apoio recebido pela coroa portuguesa, que já vinha apoiando também a instalação de outras ordens missionárias que chegaram à Índia nas primeiras décadas do século XVI, sendo assim precursoras dos Jesuítas neste processo de “desbravamento do paganismo”:

*De facto, Portugal foi o Hércules que o levou, carinhosamente, por todos os oceanos. (...) Se a acção missionária de S. Francisco Xavier subiu tão alto e abrangeu tão vastos horizontes, é porque ele ia na crista heróica duma vaga que percorria, então, o sul da Ásia, desde a embocadura do Mar Vermelho às costas da China: o desbravamento do paganismo, pelos portugueses, ao longo das rotas marítimas e comerciais, que se iam abrindo. Quando ele chegou à Índia, já o sol do catolicismo brilhava alto, no céu da Ásia. Frades de S. Francisco, dominicanos, padres seculares, capitães e comerciantes de alma aberta ao ideal cristão, tinham-se espalhado ao longo da costa, desde Ormuz ao canal de Singapura, e mais além.*<sup>24</sup>

Assim, conforme vemos neste discurso de cunho “heroico”, o contexto de chegada de Francisco Xavier em Goa teria sido favorecido pela presença dos franciscanos e dos próprios comerciantes “de alma aberta para o ideal cristão”. Este, que se tornaria um santo em terras indianas, registrou sua estadia no território Goes na forma de cartas; todas elas endereçadas aos seus “companheiros residentes em Roma” e Jesuítas em outras partes do mundo<sup>25</sup>.

Toda esta documentação, genericamente denominada de “Escritos Xavierianos”, encontra-se reunida em suas *Obras completas*, compêndio publicado no Brasil e em Portugal pela editora Loyola. Justamente esta coletânea de textos servirá de base para nossa análise da presença missionária em Goa, e para observar a conexão desta com aquela que se estabelece em Moçambique.

<sup>22</sup> DELACROIX, Simon; COSTANTINI, Celso & BARTHE, Gilles. *Histoire Universelle des missions catholiques* – vol. 2: Les Missions modernes (XVIIe et XVIIIe s). Paris: Grund, 1957, p. 44.

<sup>23</sup> Trata-se de um grupo étnico da Índia, cuja área de ocupação se estende do norte do estado do Kerala ao atual estado de Goa. Sua língua é também denominada “Concani”, da família linguística indo europeia (como o Sânscrito).

<sup>24</sup> MARTINS, In: XAVIER, Francisco. *Obras completas*. Braga: Editorial A. O.; São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 35.

<sup>25</sup> MARTINS, In: XAVIER, *Obras completas*, p. 05.

No entanto, antes de analisarmos os escritos de sua chegada em Goa, é importante observarmos o processo de sua viagem para a Índia, uma jornada de quase um ano, que envolveu uma longa paragem em Moçambique:

*Antes que pudéssemos passar a estas partes da Índia, chegámos a uma ilha que se chama Moçambique, onde hibernámos cinco naus muito grandes com muita gente; na qual ilha estivemos seis meses, onde o rei de Portugal tem um fortaleza. Nesta ilha há um lugar de portugueses e outro de mouros de paz. Adoeceu muita gente, no tempo que aqui estivemos: morreram alguns oitenta homens. Nós pousámos [morámos] sempre no hospital com os enfermos, tendo cargo deles. [...] Aos domingos, costumava pregar: tinha muito auditório por estar o senhor Governador presente. Era muitas vezes importunado de ir confessar fora do hospital; e não podia deixar de ir quando algum homem de [má] maneira estava enfermo, ou em qualquer outra necessidade [que] se oferecesse. De maneira que não faltaram ocupações espirituais, todo o tempo que estivemos em Moçambique.<sup>26</sup>*

De Lisboa até à ilha de Moçambique, Xavier havia seguido na nau Santiago. Da ilha de Moçambique para Goa, Xavier partiu à frente, só com o Governador, na nau Coulão, numa jornada que levou dois meses, passando por Melinde (uma cidade de “Mouros”). Sua viagem segue a própria rota da “carreira das Índias”, que torna a conexão entre Moçambique e Goa algo necessário e familiar naquele período. Na mentalidade dos viajantes e Jesuítas da época, a paragem em Moçambique se configurava como uma etapa necessária para o destino oriental. No caso de Xavier, esta etapa teria durado seis meses, período em que praticou ali suas estratégias de conversão, as mesmas estratégias que levaria para o povo indiano nos meses seguintes.

A impressão de Xavier na ocasião de sua chegada a Goa é das melhores possíveis, justamente em função do trabalho realizado por seus precursores:

*Há quatro meses e mais que chegámos à Índia, a Goa, que é uma cidade toda de cristãos, coisa para ver. Há um mosteiro de muitos frades da Ordem de S. Francisco e uma Sé muito honrada e de muitos cónegos, e outras muitas igrejas. Coisa é para dar muitas graças a Deus Nosso Senhor em ver que o nome de Cristo tanto floresce em tão longínquas terras e entre tantos infiéis.<sup>27</sup>*

Contudo, embora o caminho para o cristianismo já estivesse sendo aberto na ocasião de sua chegada, e as grandes e suntuosas igrejas de Goa já estivessem em processo de construção, era necessário implantar a estratégia específica de

---

<sup>26</sup> XAVIER, *Obras completas*, p. 106.

<sup>27</sup> XAVIER, *Obras completas*, p. 106.

conversão dos jesuítas. E justamente a isto, ele se dedicaria nos anos seguintes:

*Com muita caridade e amor da gente desta terra serão recebidos os que da nossa Companhia vierem. Hão-de ser muito importunados para muitas confissões, Exercícios Espirituais e pregações. Pensai que encontrarão muita messe. Há já mais de sessenta rapazes, naturais da terra, dos quais está encarregado um Padre Reverendo. Estes, neste Verão, irão habitar no colégio. Entre eles, há muitos, e quase todos, que sabem ler e rezar o ofício e, muitos deles, escrever. Estão já capazes de estudar gramática. Esta informação vos dou, para que daí provejais quem aqui se ocupe só em ensinar gramática, que terá muita ocupação.<sup>28</sup>*

Aqui vemos a estratégia missionária jesuítica com suas feições próprias, em pleno funcionamento no território Indiano. Xavier descreve a educação através da gramática, e o grupo de mais de sessenta rapazes naturais da terra (ou seja, indianos) e que já praticavam os famosos exercícios espirituais. Sem dúvida, tais exercícios se configuravam como algo familiar dentro de sua própria cultura e religião de origem. Afinal, em território indiano, “exercícios espirituais” de diversos tipos vinham sendo cultivados desde o período das *upanisads*, textos sagrados que remetem ao primeiro milênio antes de Cristo.

### **Missionação Jesuíta em Moçambique e Goa: um primeiro olhar comparativo acerca das estratégias missionárias**

Embora se configurem como regiões geograficamente distantes, e separadas pelo mar da Arábia, Goa e Moçambique passaram a compartilhar elementos culturais e religiosos comuns desde o século XVI. E este compartilhamento passa, sem dúvida, pelas estratégias comuns de Jesuítas e suas formas de missionação e relacionamento com as populações nativas. Assim, tanto a coroa portuguesa colabora com o estabelecimento deste modelo missionário, quanto os Jesuítas colaboram decisivamente para a consolidação deste império ultramarino português no século XVI. Tal colaboração perdura até o século XVIII, quando a legislação pombalina acaba definitivamente com qualquer colaboração jesuítica com a coroa portuguesa.

Porém, nesse interstício de mais de duzentos anos, o que se nota é um conjunto de formas de conversão e relacionamento com as populações locais característico dos Jesuítas, que acaba conectando as populações da costa oriental da África (em Moçambique), com aquelas da costa ocidental da Índia (em Goa). Forma-se aí uma rota jesuítica de caráter indo-afro-português, na qual são compartilhados modos de conversão, línguas e culturas<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> XAVIER, *Obras completas*, p. 106.

<sup>29</sup> A este respeito, cf.: FRANÇA, Dilaine Soares Sampaio & GNERRE, Maria Lucia Abaurre. “Um olhar sobre trânsitos simbólicos afro-indianos”. *Revista Religare*, João Pessoa, UFPB, vol. 9, 2012, p. 01-08.

Embora tais compartilhamentos de culturas tenham sido, em sua maioria, mediados pelos próprios missionários de origem portuguesa ou ibérica, muitos destes também se deram entre Moçambicanos e Goeses. Afinal, entre os rapazes indianos que estudaram nos colégios dos Jesuítas em Goa, alguns acabam migrando para completar seus estudos na Europa, e a caminho de lá também fizeram suas paragens e trocas em portos moçambicanos. Assim, no rastro da própria obra missionária também teriam sido possíveis outros níveis de encontros e desencontros.



## RESUMO

Vamos analisar neste artigo alguns aspectos das estratégias de interação entre missionários Jesuítas e povos de duas diferentes regiões: Moçambique e Goa. Tais regiões, pertencentes a continentes distintos (África e Ásia respectivamente) abrigaram originalmente culturas e religiões díspares, porém, se tornam conectadas pelo oceano Índico e pelas rotas de navegação que o cortavam desde períodos anteriores a chegada de Vasco da Gama. E, justo nestas regiões constituíram-se portos fundamentais para a *carreira das Índias* que, a partir do século XVI, passa a servir como rota comercial que possibilita também a criação de um olhar global dos missionários sobre os povos a serem catequizados. Porém, de que forma estas diferenças entre africanos e indianos reverberaram em diferentes olhares e estratégias por parte dos missionários? Este olhar de conjunto sobre diferentes povos pode ser visto, por exemplo, nas cartas deixadas por Francisco Xavier, que faz sua paragem em Moçambique a caminho de Goa. Pode ser visto também em obras como *Mentalidade Missiológica dos Jesuítas em Moçambique antes de 1759* (de António da Silva, S.J.). Tais textos, acrescidos de outros referenciais para a história da África constituirão o aporte documental para analisarmos estratégias de construção de um “império Jesuíta” entre Moçambique e Goa.

**Palavras Chave:** Estratégias Missionárias Jesuíticas; Moçambique; Goa.

Artigo recebido em 14 abr. 2014.

Aprovado em 21 mai. 2014.

## ABSTRACT

In this article, we analyze some aspects of the interaction between Jesuit missionaries and people of two different regions: Mozambique and Goa. Such regions belonging to different continents (Africa and Asia respectively) originally housed disparate cultures and religions, however, they become connected by the Indian Ocean and the shipping lanes that were there in the periods before of the arrival of Vasco da Gama. And in these regions were constituted fundamental ports for the India's career that from the sixteenth century, shall serve as a trade route and also enabled the creation of an overall look of the missionaries about people being catechized. However, how these differences between Africans and Indians reverberated in different perspectives and strategies from the missionaries? This look over different cultures, can be seen, for example, the letters left by Francis Xavier, who makes his stop in Mozambique en route to Goa. Can also be seen in works such as *Missiology Mentality of the Jesuits in Mozambique before 1759* (António da Silva, SJ). Such texts, plus other references to the history of Africa constitute documentary contribution to analyze strategies for building a “Jesuit empire” between Mozambique and Goa.

**Keywords:** Jesuit Missionary Strategies; Mozambique; Goa.